



Quarenta e seis anos depois, a vietnamita que comoveu o mundo quer que sua foto contribua para a paz

*Só vi esse registro muito tempo depois. Passei 14 meses no hospital, tratando as queimaduras. Quando voltei para casa, meu pai me mostrou a foto, recortada de um jornal vietnamita: “Aqui está sua foto, Kim”. Olhei a foto e, meu Deus, como fiquei envergonhada! Como eu estava feia! E pelada! Todos estavam vestidos, e eu, uma menina, estava sem roupa. Vi a agonia e dor em meu rosto. Fiquei com raiva. Por que ele tirou aquela foto de mim? Era melhor não ter tirado nenhuma! Eu era só uma criança, mas tinha de lidar com muita dor. Quanto mais famosa a imagem ficava, mais eu precisava encarar **minha tragédia**.*

Kim Phuc Phan Thi, em depoimento a Ruan de Sousa Gabriel, 19/09/2018. Disponível em <https://epoca.globo.com/>.

- a) Justifique o emprego das sentenças exclamativas, explicitando o motivo do espanto de Kim.
- b) A partir da expressão “minha tragédia”, que encerra o depoimento, analise os dois níveis de apreensão do evento trágico, considerando o momento do primeiro contato de Kim com o registro fotográfico e o momento do testemunho.

Resolução

- a) O ponto de exclamação é utilizado após frases ou expressões que denotam emoção, surpresa, admiração, entusiasmo, entre outros sentimentos. No discurso de Kim, a pontuação exclamativa expressa sua primeira reação ao ter notícia da veiculação de sua foto: vergonha da própria nudez, da aparência, raiva pela exposição de sua dor, o que a fazia reviver sua tragédia.
- b) Em um primeiro momento, Kim, ainda fragilizada pelos eventos e muito jovem, sente constrangimento e revolta diante da exposição de sua tragédia, questionando a intenção da fotografia. Já adulta, ela vê na foto a possibilidade de contribuição para a paz. Assim, com o passar do tempo e o amadurecimento, Kim ressignificou sua tragédia, transformando sua experiência pessoal em catalisador de mudança social, contribuindo “para a paz”.

A reinvenção da vírgula

No começo de 1902, Machado de Assis ficou desesperado por causa de um erro de revisão no prefácio da segunda edição de suas *Poesias completas*. Dizem que chegou a se ajoelhar aos pés do Garnier implorando para que o editor tirasse o livro de circulação. O aristocrático e impoluto Machado, quem diria. Mas a gralha era mesmo feia. O tipógrafo trocou o E por A na palavra cegara, o revisor deixou passar, e vocês imaginam no que deu.

No nosso caso, o erro não foi nada de mais, nem erro foi para falar a verdade, apenas um acréscimo besta de pontuação, talvez dispensável, ainda que de modo algum incorreto. Vai o revisor, fiel à ortodoxia da gramática normativa, e **espeta** duas vírgulas para isolar um adjunto adverbial deslocado, coisa de pouca monta, diria alguém, mas suficiente para o autor sair bradando aos quatro ventos que lhe roubaram o ritmo da sentença. Um editor experiente traria um cafezinho bem doce, a conter o ímpeto dramático do autor de primeira viagem, talvez caçoando, “deixa de onda”, a lembrá-lo – valha-me Deus! – que ele não é nenhum Bruxo do Cosme Velho*. E assim lhe **cortando as asas antes do voo**.

* Referente a Machado de Assis.

Disponível em <https://jornal.usp.br/artigos/areinvencaodavirgula/>.

Adaptado.

- a) Qual o sentido da palavra “espeta”, destacada no texto, e qual o efeito que ela produz?
- b) Explique o significado, no texto, da expressão “cortando as asas antes do voo”.

Resolução

- a) A palavra “espeta” foi empregada em sentido figurado: “incluir, inserir”. O termo foi empregado em uma alusão à reação de contrariedade do autor que se sentiu desrespeitado por ter o seu texto “corrigido” pelo revisor.
- b) A expressão metafórica “cortando as asas antes do voo” refere-se a uma forma de atividade por parte do editor para conter o ímpeto de supercorreção do “autor de primeira viagem”, que não era “nenhum Bruxo do Cosme Velho”.

Tenho utilizado o conceito de precariado num sentido bastante preciso que se distingue, por exemplo, do significado dado por Guy Standing e Ruy Braga. Para mim, precariado é a camada média do proletariado urbano constituída por jovens adultos altamente escolarizados com inserção precária nas relações de trabalho e vida social.

Para Guy Standing, autor do livro *The Precariat: The new dangerous class*, o precariado é uma “nova classe social” (o título da edição espanhola do livro é explícito: *Precariado: una nueva clase social*). Ruy Braga o critica, **com razão**, salientando que o precariado não é exterior à relação salarial que caracteriza o modo de produção capitalista, isto é, o precariado pertence sim à classe social do proletariado, sendo tão somente o “proletariado precarizado”. (...) Por outro lado, embora Ruy Braga (no

livro *A política do precariado*) esteja correto em sua crítica do precariado como classe social exterior à relação salarial, ele equivoca-se quando identifica o precariado meramente com o “proletariado precarizado”, perdendo, deste modo, a particularidade heurística do conceito capaz de dar visibilidade categorial às novas contradições do capitalismo global.

Giovanni Alves, O que é precariado?. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/>. Adaptado.

- a) Explique o processo de formação da palavra “precariado”, associando-o ao seu significado.
- b) Qual a função sintática da expressão “com razão” e o seu sentido na construção do texto?

Resolução

- a) A palavra “precariado” é formada por derivação sufixal de “precário +ado”. *Precário* é um adjetivo que significa aquele que tem “pouca ou nenhuma estabilidade” e o sufixo “ado” tem sentido de “semelhante a”. “Precariado” pode ser associado, pela sonoridade, a “proletariado” e “salariado”. Assim, “precariado”, para o autor, remete à classe social do proletariado, que se encontra em situação precária profissional e social.
- b) “Com razão” é expressão circunstancial de afirmação (adjunto adverbial de afirmação), significando, no texto, que o autor concorda com a opinião de Ruy Braga.

O vídeo “Por que mentiras óbvias geram ótima propaganda” destaca quatro aspectos principais da propaganda russa: 1) alto volume de conteúdo; 2) produção rápida, contínua e repetitiva; 3) sem comprometimento com a realidade; e 4) sem consistência entre o que se diz entre um discurso e outro. Essencialmente, isso é o *firehosing* (fluxo de uma mangueira de incêndio). O conceito foi concebido após cerca de seis anos de observação do governo de Vladimir Putin. No entanto, é impossível não notar as semelhanças com as táticas discursivas de políticos ocidentais.

Para tentar inibir efeitos da tática, apenas rebater as mentiras disseminadas não é uma ação eficaz. Já mostrar outra narrativa, tal como contar como funciona a criação de mentiras dos propagandistas, sim, seria um método mais efetivo. De maneira simplificada, é o que o linguista norteamericano George Lakoff chama de *verdade-sanduíche*: primeiro exponha o que é verdade; depois aponte qual é a mentira e diga como ela é diferente do fato verdadeiro; depois repita a verdade e conte quais são as consequências dessa contradição. A ideia é tentar desmentir discursos falsos sem repetilos.

Le Monde Diplomatique Brasil, “Firehosing: a estratégia de disseminação de mentiras usada como propaganda política”.

Disponível em <https://diplomatique.org.br/>. Adaptado.

- De que maneira o conceito de *firehosing* aproxima-se da imagem do fluxo de uma mangueira de incêndio?
- Explique com suas palavras a metáfora “verdade-sanduíche” usada pelo linguista George Lakoff.

Resolução

- Segundo o autor, a tática de propaganda russa é utilizar um fluxo contínuo de discurso de forma rápida e repetitiva, como o fluxo ininterrupto de água de uma mangueira de incêndio. Esse volume massivo de informações, nem sempre verdadeiras, é uma técnica de propaganda política usada na Rússia e nos “discursos de políticos ocidentais”, conhecida pelo nome de “*firehosing*”.
- A verdade sanduíche, conceito formulado pelo linguista George Lakoff, determina uma estratégia para combater discursos falsos. Esse conceito consiste de três etapas, por isso a formulação da metáfora com um sanduíche: a primeira é a exposição da verdade; a segunda, exposição da mentira e comparação com a verdade; e, por fim, a retomada da verdade e a exposição das consequências da contradição verdade-mentira.

Examine a capa da revista *Superinteressante*, publicada em julho de 2019.



- Indique o duplo sentido presente na manchete de capa da revista, explicitando os elementos linguísticos utilizados.
- Explique como a imagem e o texto se combinam na construção do sentido.

Resolução

- A ambiguidade ocorre em função do “para” ter sido empregado primeiro como verbo no imperativo, seguido do vocativo “noia”, que significa, segundo o subtítulo, uma doença ligada aos transtornos mentais; e numa segunda leitura, as duas palavras formarem um único substantivo, “paranoia”, também relacionado a distúrbios mentais. A possibilidade dessas duas leituras constrói a ambiguidade e configuram, pela sonoridade, uma paronomásia (palavras parecidas no som, mas diferentes no sentido). Separadas (para/noia) remetem ao sentido de enfrentamento de episódios de ansiedade e depressão, além de outros transtornos. “Paranoia” é um termo introduzido na psiquiatria para designar problemas psíquicos, usado popularmente na forma abreviada “noia”.
- A imagem sugere uma sessão de terapia, em que o paciente, sentado, é retratado com linhas circulares no lugar da cabeça, representando a confusão mental do paciente acometido por paranoia.

Adaptados a esse idioma que se transforma conforme a plataforma, os memes e textões dominaram a rotina desta década como modos de a gente rir, repercutir notícias, dividir descontentamentos, colocar o dedo em feridas, relatar injustiças e até se informar. Entraram logo no vocabulário para além da internet: "virar meme", "dar textão". Suas características também interferiram no jeito de compreender o mundo e expressar o que acontece à nossa volta. Viktor Chagas, professor e pesquisador da Universidade Federal Fluminense (UFF), os vê como manifestações culturais de grande relevância para entender o período e, também, como "extravasadores de afetos". [...]

Por mais que o textão seja "ão", assim como o meme ele é uma expressão sintética típica de hoje, explica Viktor Chagas. Mesmo o textão mais longo na verdade é um textinho: faz parte da lógica do espaço em que circula.

TAB UOL, "Vim pelo meme e era textão". Disponível em <https://tab.uol.com.br/>. Adaptado.

- a) Retire do texto dois argumentos que justifiquem a caracterização de "memes e textões" como "extravasadores de afetos".
- b) Em que sentido pode se afirmar que não há uma contradição no trecho "Mesmo o textão mais longo na verdade é um textinho"?

Resolução

- a) Viktor Chagas, da UFF, afirma que "memes e textões" são manifestações culturais importantes para que as pessoas desta década possam extravasar seus afetos, por meio do riso, do compartilhamento de descontentamentos e de dores e do relato de injustiças.
- b) Dentro das redes sociais, as publicações que ultrapassam determinado número de caracteres são chamadas de "textões". Para o autor, "mesmo o textão mais longo, na verdade, é um textinho", pois, em relação a outras plataformas como jornais, revistas ou livros, tais "textões" ainda seriam breves. Ou seja, considerá-los "textões" ou "textinhos" está mais relacionado ao modo de difusão do que ao tamanho do texto em si.

— Que farás se eu continuar a andar?— perguntou o Comissário.

— Das duas, uma: ou te prendo ou te acompanho. Estou indeciso. A primeira repugna-me, nem é justa. A segunda hipótese agrada-me muito mais, mas não avisei na Base nem trouxe o sacador.

(...)

— Nunca me prenderias!

— Achas que não?

O Comissário deitou o cigarro fora.

— Que vais fazer a Dolisie, João?

Pela primeira vez, Sem Medo chamara-o pelo nome.

Pepetela, *Mayombe*.

- a) Identifique o evento diretamente relacionado à mudança de tratamento entre Comissário e Sem Medo.
- b) “Sem Medo” não é um apelido aleatório. Justifique a afirmação com base em elementos do desfecho do romance.

Resolução

- a) O diálogo entre Sem Medo e o Comissário ocorre após o envolvimento sexual de Ondina, que é noiva do Comissário, com André. Ondina escreve uma carta ao Comissário, relatando a traição. O conteúdo dessa carta desestabiliza o noivo a tal ponto que ele decide ir a Dolisie, tirar satisfação com Ondina, sem pedir autorização ao comandante. Sem Medo, ao perceber a atitude do Comissário, segue-o e afirma que poderia prendê-lo ou acompanhá-lo até Dolisie. Ao tratar o Comissário pelo prenome João, o Comandante indica a individualização do ser que deixou de ter codinome e é chamado pelo prenome. Nesse tratamento, há a compreensão pessoal, afetuosa, próxima em relação ao problema sentimental por que passa o Comissário, deixando-se, assim, de lado os protocolos frios que norteiam a objetividade da ação bélica.
- b) A personagem Sem Medo, comandante da base na floresta Mayombe, é o protagonista do romance de Pepetela. O comandante é um guerrilheiro comprometido com o processo de revolução para tornar Angola um país independente, livrando-se do colonialismo luso. Nota-se ao longo da narrativa que Sem Medo é uma espécie de herói da tragédia: forte, combatente, corajoso, solidário, mas com um fatídico final. Morre em combate, na conquista de ponto estratégico para a vitória da guerrilha. Sem Medo sacrifica-se para salvar o Comissário, com quem tem uma relação de mentor. O comandante é sepultado na floresta, metaforizada como um útero. Mayombe recebe o

corpo de Sem Medo, o mártir da revolução, a semente que originará um novo povo angolano, coeso e independente do domínio português.



Texto 1

Desde que a febre de possuir se apoderou dele totalmente, todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse pecuniário. Só tinha uma preocupação: aumentar os bens. Das suas hortas recolhia para si e para a companheira os piores legumes, aqueles que, por maus, ninguém compraria; as suas galinhas produziam muito e ele não comia um ovo, do que no entanto gostava imenso; vendia-os todos e contentava-se com os restos da comida dos trabalhadores. Aquilo já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular, de reduzir tudo a moeda. E seu tipo baixote, socado, de cabelos à escovinha, a barba sempre por fazer, ia e vinha da pedreira para a venda, da venda às hortas e ao capinzal, sempre em mangas de camisa, de tamancos, sem meias, olhando para todos os lados, com o seu eterno ar de cobiça, apoderando-se, com os olhos, de tudo aquilo de que ele não podia apoderar-se logo com as unhas.

Aluísio Azevedo, *O Cortiço*.

Texto 2

(...) Rubião é sócio do marido de Sofia, em uma casa de importação, à Rua da Alfândega, sob a firma Palha & Cia. Era o negócio que este ia propor-lhe, naquela noite, em que achou o Dr. Camacho na casa de Botafogo. Apesar de fácil, Rubião recuou algum tempo. Pediam-lhe uns bons pares de contos de réis, não entendia de comércio, não lhe tinha inclinação. Demais, os gastos particulares eram já grandes; o capital precisava do regime do bom juro e alguma poupança, a ver se recobrava as cores e as carnes primitivas. O regime que lhe indicavam não era claro; Rubião não podia compreender os algarismos do Palha, cálculos de lucros, tabelas de preço, direitos da alfândega, nada; mas, a linguagem falada supria a escrita. Palha dizia coisas extraordinárias, aconselhava o amigo que aproveitasse a ocasião para pôr o dinheiro a caminho, multiplicá-lo.

Machado de Assis, *Quincas Borba*.

- a) Como o contraste entre os trechos “já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular” e “não entendia de comércio, não lhe tinha inclinação”, respectivamente sobre as personagens João Romão e Rubião, reflete distintas linhas estéticas na prosa brasileira do fim do século XIX?
- b) A partir das diferentes esferas sociais e práticas econômicas referidas nos fragmentos, trace um breve paralelo entre as trajetórias dos protagonistas nos dois romances.

Resolução

- a) O trecho 1 é representativo do Naturalismo e o trecho 2, do Realismo, estéticas que se iniciaram na segunda metade do século XIX. O trecho 1 possibilita verificar que a personagem João Romão é descrita a partir do enfoque cientificista, patológico, típico do Naturalismo, como indica, por exemplo, a expressão “era uma moléstia nervosa”. Essa ambição doentia levará João Romão a cometer atos desonestos e cruéis. A descrição naturalista faz do homem um joguete, submetido a leis incontornáveis, construindo-se, assim, um romance de tese ou experimental, como é o caso de *O cortiço*. João Romão é um tipo social: o capitalista selvagem no Rio de Janeiro, no contexto do Segundo Império.

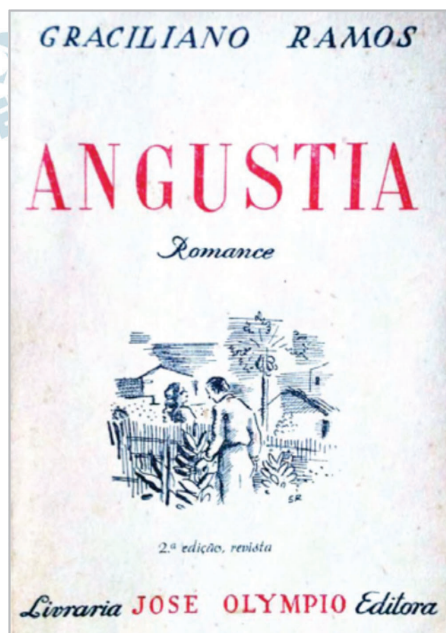
O trecho 2, que pertence ao Realismo, difere do 1 pela abordagem psicológica dada a Rubião, protagonista do romance *Quincas Borba*. Na estética realista, há análise profunda da consciência, percebe-se uma discrepância entre o mundo interior e os atos da personagem, desvelando-se, assim, o ser e a sociedade. No Realismo, a hipocrisia é, portanto, recorrente. O narrador de *Quincas Borba* evidencia, nessa frase curta, a inadaptação do ingênuo e provinciano Rubião ao meio burguês, moderno e capitalista do Rio de Janeiro no período do Segundo Império. Esse caráter trágico de Rubião transcende o contexto do livro e remete a um arquétipo: o ingênuo que será destruído.

- b) Em *O cortiço*, João Romão é imigrante luso, pobre, cruel e ganancioso que, no Rio de Janeiro do final do século XIX, ascende econômica e, depois, socialmente. Vai realizar um casamento por interesse com Zulmira, filha do barão Miranda, e ainda tem pretensão de título de nobreza.

Em *Quincas Borba*, Rubião é professor em Barbacena, torna-se herdeiro da fortuna de Quincas Borba e vai residir no Rio de Janeiro. Convive ingenuamente com hipócritas interesseiros, principalmente Palha e Sofia. Apaixona-se por Sofia, sempre evasiva e relutante, depois enlouquece. No surto, considera-se Luís Napoleão. No desfecho, acaba morrendo. Na agônia, considera-se imperador. A trajetória de Rubião é destrutiva, ao contrário do percurso de ascensão socioeconômica de João Romão.

Observe as seguintes capas que o artista Santa Rosa desenhou para o livro *Angústia*, de Graciliano Ramos:

Capa da 2ª edição, 1941



Capa da 3ª edição, 1947



- Comente o episódio figurado na capa de 1941, analisando a posição de Luís da Silva na cena.
- Comente o episódio figurado na capa de 1947, analisando a posição de Luís da Silva na cena.

Resolução

- A ilustração que Santa Rosa faz para a segunda edição de *Angústia*, vinda a público em 1941, representa o episódio que o narrador-protagonista qualificou como a sua desgraça: a aproximação e posterior noivado de Luís da Silva com Marina. Percebe-se o gesto sedutor da moça, prendendo a atenção do vizinho Luís da Silva, cuja posição, nessa imagem é cabisbaixa, observadora, índice de

passividade e submissão, característica que é fruto tanto de uma tensão erótica daquele instante (limitada pela cerca que separa o casal) quanto de uma problemática sexual mal resolvida, resultado do histórico de vida problemática e traumatizada do protagonista. A cerca conota a irrealização do casamento de Luís com Marina.

- b) A ilustração que Santa Rosa fez para a capa da edição de 1947 de *Angústia* apresenta o episódio em que Julião Tavares é enforcado por Luís da Silva. Há, nessa imagem, a expressão aflita da vítima. Nesse ato de assassinato, Luís da Silva tem uma postura ativa, mata quem lhe tirou a noiva, mas nem por isso deixa de ser uma personagem problemática, psicótica e irresolúvel.

Considere os seguintes trechos:

- (I) *Era um pedreiro de Naim (...). O açoite dos intendentos rasgara-lhe a carne; depois a doença levava-lhe a força, como a geada seca a macieira. E agora, sem trabalho, com os filhos de sua filha a alimentar, procurava pedras raras nos montes – e gravava nelas nomes santos, sítios santos, para as vender no Templo aos fiéis. Em véspera de Páscoa, porém, viera um Rabi de Galileia cheio de cólera que lhe arrancara o seu pão!...*
- (II) *(...) E nós tivemos de fugir, apupados¹ pelos mercadores ricos, que, bem encruzados nos seus tapetes de Babilônia, e com o seu lajedo bem pago, batiam palmas ao Rabi... Ah! Contra esses o Rabi nada podia dizer, eram ricos, tinham pago! (...) Mas eu fui expulso pelo Rabi, somente porque sou pobre!*
- (III) *(...) Bati no peito, desesperado. E a minha angústia toda era por Jesus ignorar esta desgraça, que, na violência do seu espiritualismo, suas mãos misericordiosas tinham involuntariamente criado, como a chuva benéfica por vezes, fazendo nascer a sementeira, quebra e mata uma flor isolada.*

1. Vaiados.

Eça de Queirós, *A relíquia*.

“Se quiséssemos recolher tudo o que já foi encontrado [da cruz de Cristo], daria para lotar um navio. O Evangelho conta que a cruz podia ser levada por um homem. Encher a Terra com tamanha quantidade de fragmentos de madeira que nem 300 homens aguentariam levar é uma desfaçatez”, já afirmava o teólogo francês Jean Calvino, profundamente cristão, em seu Tratado das Relíquias, publicado em 1543. A observação de Calvino continua viva cinco séculos depois. Os pedaços da chamada Vera Cruz, a cruz em que Jesus de Nazaré foi executado segundo a tradição cristã, são considerados relíquias de primeira categoria pela Igreja Católica, mas aparentemente são tão numerosos que dão a impressão de que Cristo foi um gigante crucificado em dois troncos de sequoias.

Manuel Ansedé, “Fragmentos da cruz de Cristo dariam para “lotar um navio inteiro”. In: *El país*, Caderno “Ciência”. Março de 2016.

Adaptado.

- a) Identifique as personagens que atuam como narradoras em cada um dos excertos de Eça de Queirós.
- b) É possível afirmar que o romance *A Relíquia* endossa

a perspectiva adotada por Manuel Ansedé a respeito de elementos pertinentes à tradição cristã? Justifique.

Resolução

- a) Os textos I e III são narrados por Teodorico Raposo. O texto II é narrado pelo velho pedreiro de Naim. A palavra Rabi é a denominação dada a Jesus Cristo.
- b) Tanto Calvino quanto seu comentarista, Ansedé, destacam a impostura que é a forma como pessoas católicas são enganadas e por isso consideram pedaços de madeira como relíquias da cruz de Cristo. Apesar de o Evangelho relatar que a cruz poderia ser levada apenas por um homem, houve tamanha quantidade de pretensas relíquias que daria para “lotar um navio”, de acordo com Calvino, ou para imaginar “que Cristo foi um gigante crucificado em dois troncos de sequoias”, de acordo com Ansedé. Esse raciocínio, que beira o absurdo cômico-irônico, permite veicular uma crítica ao fetichismo com que transforma quaisquer pedaços de madeira em algo pretensamente sagrado. Tal procedimento crítico também pode ser encontrado em *A relíquia*, de Eça de Queirós. Basta lembrar, por exemplo, que Teodorico, após ser expulso da casa da tia rica, Maria do Patrocínio, vende como algo de valor místico mais de setenta e cinco pregos, apregoando fraudulentamente que eram da cruz de Cristo.

Texto 1:



Luis Fernando Verissimo, *As cobras: Antologia Definitiva*.

Texto 2: *Somente numa sociedade onde exista um clima cultural, em que o impulso à curiosidade e o amor à descoberta sejam compreendidos e cultivados, pode a ciência florescer. Somente quando a ciência se torna profundamente enraizada como um elemento cultural da sociedade é que pode ser mantida e desenvolvida uma tecnologia progressista e inovadora, tornando-se, então, possível uma associação íntima e vital entre ciência e tecnologia. Essa associação é uma característica da nossa época e certamente essencial para a manutenção de uma civilização com os níveis presentes de população e qualidade de vida.*

Oscar Sala, *O papel da ciência na sociedade*. 1974. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/revhistoria>. Adaptado.

Texto 3:

Quanta do latim

Plural de quantum

Quando quase não há

Quantidade que se medir

Qualidade que se expressar

Fragmento infinitésimo

Quase que apenas mental

Quantum granulado no mel

Quantum ondulado no sal

Mel de urânio, sal de rádio

Qualquer coisa quase ideal

Cântico dos cânticos

Quântico dos quânticos

Canto de louvor

De amor ao vento

Vento arte do ar

Balançando o corpo da flor
Levando o veleiro pro mar
Vento de calor
De pensamento em chamas
Inspiração
Arte de criar o saber
Arte, descoberta, invenção
Teoria em grego quer dizer
O ser em contemplação
Sei que a arte é irmã da ciência
Ambas filhas de um Deus fugaz
Que faz num momento
E no mesmo momento desfaz
Esse vago Deus por trás do mundo
Por detrás do detrás
Cântico dos cânticos
Quântico dos quânticos

Gilberto Gil, *Quanta*. 1997.

Texto 4: Nós criamos uma civilização global em que os elementos mais cruciais – o transporte, as comunicações e todas as outras indústrias, a agricultura, a medicina, a educação, o entretenimento, a proteção ao meio ambiente e até a importante instituição democrática do voto – dependem profundamente da ciência e da tecnologia. Também criamos uma ordem em que quase ninguém compreende a ciência e a tecnologia. É uma receita para o desastre. Podemos escapar ilesos por algum tempo, porém mais cedo ou mais tarde essa mistura inflamável de ignorância e poder vai explodir na nossa cara.

Carl Sagan, 1996.

Texto 5: Algo muito estranho está acontecendo no mundo atual. Vivemos melhor que qualquer outra geração anterior. Pessoas são saudáveis graças às ciências da saúde. Moram em residências robustas, produto da engenharia. Usam eletricidade, domada pelo homem devido ao seu conhecimento de química e física. Paradoxalmente, essas mesmas pessoas ligam seus computadores, tablets e celulares para adquirir e disseminar informações que rejeitam a mesma ciência que é tão presente em suas vidas. Vivemos num mundo em que pessoas usam a ciência para negar a ciência.

Alicia Kowaltowski, *Usando a ciência para negar a ciência*. 2019.

Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/>. Adaptado.

Considerando as ideias apresentadas nos textos e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema: **o papel da ciência no mundo contemporâneo**.

Instruções:

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível e não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

Comentário à proposta de Redação

A Banca Examinadora propôs o tema: O papel da ciência no mundo contemporâneo. O candidato contou com cinco textos que deveriam ser considerados em sua redação. No primeiro, uma tira de Luís Fernando Veríssimo, *As cobras*, uma personagem perguntava à outra se não teria sido ela a inventora da roda. À resposta afirmativa seguia-se uma declaração de arrependimento. Já o segundo texto, de Oscar Sala, louvava o “impulso à curiosidade e o amor à descoberta” como imprescindíveis ao florescimento da ciência, o que possibilitaria sua integração com a tecnologia. No terceiro texto, a letra de *Quanta*, do compositor Gilberto Gil, buscava estabelecer uma relação entre ciência e arte, apresentadas como “irmãs”, ambas “filhas de um Deus fugaz que faz num momento e no mesmo momento desfaz”.

No quarto texto, o astrônomo Carl Sagan destacava a importância da ciência e da tecnologia, responsáveis pelos avanços civilizatórios – desde o transporte até o meio ambiente, passando pela medicina e alcançando até mesmo a “instituição democrática do voto”. O último texto, da professora e pesquisadora Alícia Kowaltowski, chamava a atenção para um paradoxo presente na atualidade: as mesmas pessoas que usufruem dos benefícios gerados pelas ciências da saúde e pela engenharia – entre outros avanços – usariam as diversas ferramentas tecnológicas disponíveis para propagar informações destinadas a desacreditar a ciência.

Após refletir sobre as ideias e informações contidas nos textos, o candidato deveria proceder à própria análise do assunto. Caberia, entre outras possibilidades, reconhecer a relevância dos avanços científicos, graças aos quais se poderia contar com uma qualidade de vida sem precedentes na história. Outro aspecto que poderia ser abordado dizia respeito ao desconhecimento ou à incompreensão do significado das descobertas científicas e tecnológicas, o que representaria, segundo especialistas, uma “receita para o desastre”. Seria apropriado, ainda, destacar uma tendência crescente na sociedade contemporânea: a negação da ciência, disseminada nas redes sociais por pessoas supostamente esclarecidas, as quais, contraditoriamente, renegariam aquilo que lhes teria proporcionado

acesso ao melhor das conquistas civilizatórias. Como exemplo dessa “negação”, caberia mencionar as “teorias conspiratórias”, entre as quais se destacariam os movimentos antivacinação e o terraplanismo. Para concluir seu texto, o candidato poderia sugerir uma presença mais atuante da ciência no cotidiano da população, tanto por meio da divulgação de artigos científicos quanto por meio de alertas contra tentativas de desqualificar a ciência. Uma outra opção seria traçar uma perspectiva em relação ao papel da ciência.